

A Memória na era da reconexão e do esquecimento

Mágda Rodrigues da Cunha

RESUMO

As investigações sobre a memória tornam-se mais complexas em um cenário onde as conexões entre os sujeitos e as informações em circulação existem em escala abundante. Mais do que uma dimensão linear, onde existem passado, presente e futuro e cada um deles permanece no seu lugar, a memória transforma-se agora em uma multiplicidade de perspectivas. Neste texto, o objetivo é analisar os paradoxos que envolvem a memória múltipla, coletiva, e que não mais pode ser considerada a memória de um tempo passado. Horizontes históricos acumulados, por intermédio de registros digitais ou redes sociais, invadem a vida dos indivíduos que, sendo também narradores, abastecem esta larga rede. O elevado grau de complexidade desta construção desordenada é, ao mesmo tempo, a investigação sobre o esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Comunicação. Esquecimento. Conexão.

1 Introdução

Os estudos e perguntas em torno da memória sempre foram instigantes para a ciência. Passando por áreas diversas, muitos investigam sobre os motivos pelos quais os indivíduos guardam ou descartam informações, lembranças e vivências. Muitas pesquisas já compreendem melhor as estratégias cerebrais para isso. Mas as questões voltadas à memória sempre trazem outras dimensões até então impensadas. Se em um determinado momento da história, a memória estava diretamente ligada ao registro e armazenamento de informações, hoje isso assume um grau de complexidade elevado, pois no período pós-Internet armazenar e reter conteúdos passou a ser um problema menor e ao mesmo tempo maior pela diversidade de informações ao alcance de um toque na tela. Se antes, as lembranças estavam organizadas por categorias pessoais, profissionais, entre outras ainda mais detalhadas, hoje todos os formatos coexistem. E ainda, se concluir ciclos da vida como colégio, universidade, relacionamentos de qualquer ordem significava o encerramento real da conexão com as pessoas envolvidas no processo, atualmente, com as redes sociais, este passado volta com uma força semelhante à intensidade de quando aconteceu pela primeira vez.

Nessa linha, poderíamos afirmar que memória nunca mais será memória, como conhecemos dentro de um princípio linear de pensamento – passado, presente e futuro – mas estará permanentemente conectada à realidade deste tempo e sendo atualizada pelos fatos do passado que voltam a nos encontrar. Esse permanente retorno ao passado, proporcionado pelas redes sociais, nas comunidades em que as pessoas reencontram antigos colegas e amigos, por exemplo, é um fenômeno capaz de remexer o presente. O que passou torna-se atual, alterando de certa forma o processo de construção da memória. As mesmas redes sociais possibilitam o registro coletivo e o compartilhamento de imagens, percepções, pensamentos, opiniões e sugestões a respeito de lugares o mais impensados. Muitos espaços transformam-se em lugares, a partir da narração sobre eles e passam a ter sua memória construída pela narração coletiva.

Numa dimensão, pode-se dizer que os indivíduos ingressam nas redes ou não e logo apontam sua intenção em participar desse processo. Mas com a criação de comunidade que começam a escavar o passado, muitos que nunca pensaram em integrar qualquer rede na internet, terão lá suas imagens tornadas públicas. Imagens estas que podem trazer fisionomias totalmente diferentes, identidades que hoje estão transformadas, trajes que podem agradar mais ou menos aos seus usuários. A superexposição ultrapassou os limites de uma autorização pelo ingresso em uma comunidade. Muitos mais passarão a fazer parte delas por

intermédio de fotografias de sala de aula, formaturas, registros, informações, boletins escolares, enfim, tudo o que seja capaz de reconstruir um tempo que pode ter sido bom ou não. Mas é um tempo que retorna para o presente e passa a influenciá-lo.

A humanidade passa a viver em situação de reconexão. Se afirmarmos que nunca estivemos tão conectados, já é possível concluir que também nunca vivemos tão reconectados. Reconectados com colegas de colégio, cursos, empregos anteriores, um curso rápido de culinária. Isto pouco importa. O determinante neste momento é que muitos desejam registrar e reter essas memórias, trazer para o presente o que foi bom, mas também atualizar e talvez até melhorar o que não foi tão positivo no passado. Por conta disso, é possível saber que fisionomias assumiram os colegas de colégio, que deixamos de ver há 30 ou 40 anos. Somos todos obrigados a um reencontro com nosso passado.

Somados, redes sociais, com imagens, registros, narrativas, que falam de pessoas e lugares, conectados à digitalização permanente de documentos, o mundo vive um tempo em que a memória organizada em rede constitui uma grande e larga memória. A pergunta agora é torno da apropriação que está sendo feita de tantas possibilidades. Paralelamente, com a abundância de informação em circulação, alguns autores apontam para uma era do esquecimento. Uma evidência, porém, é clara: examinar a constituição da memória é investigar encontros, desencontros, reencontros e ainda uma multiplicidade de informações, armazenadas em larga escala, num cenário cercado de paradoxos entre a super informação e a amnésia.

2 Tempo, memória e esquecimento

Akoun (2006, p. 229) reflete sobre as temporalidades – mítica, histórica ou estética – que caracterizam a atual vivência comunitária da sociedade. Afirma que “[...] tudo existe somente nesse aparecer e desaparecer.” No processo, tudo o que parece aparecer e desaparecer não pode dizer que teve existência própria, imóvel, incapaz de se perder no fluxo do tempo que passa.

O contexto, reflete Akoun (2006), é o de uma sociedade “publicitária” que vive em meio a uma superabundância enlouquecida e anoréxica de informações, em meio à profusão de imagens e de palavras, em que o sentido e o tempo se apagam, em que triunfa o esquecimento. Existe agora uma plethora de novidades, de simulacros, que não conduz a uma superinformação, mas a uma amnésia que jamais para de recomeçar.

A superabundância, pensa Augé (2006, p. 104), quando fala da informação midiaticizada, é proporcional à capacidade de esquecimento, uma vez que um acontecimento, que chama atenção durante alguns dias, desaparece repentinamente das

telas, logo das memórias. Isto até o dia em que ressurgem repentinamente. “Certo número de acontecimentos tem, assim, uma existência eclíptica, esquecidos, familiares e surpreendentes ao mesmo tempo.”

O pensamento do autor é relevante, pois descreve o grau de complexidade do cenário no que diz respeito à informação. Fatos surgem e desaparecem rapidamente. Se pensada a dimensão da mídia, muitos acontecimentos podem ser alimentados enquanto forem capazes de manter um elevado nível em índices de audiência, mas na mesma medida podem desaparecer para dar lugar a outros. Na mesma medida, a narrativa da mídia convive com as percepções manifestadas pelos muitos narradores por intermédio das redes sociais. Assim, um fato aparece e desaparece, mas é alimentado também pelo público.

3 Redes sociais e a construção da memória presente

Nessa superabundância de informações, os lugares são incessantemente narrados. As tecnologias móveis representam a possibilidade de escrever sobre um determinado lugar, associado a uma vivência, em um determinado tempo. Esta narrativa, que é presente, vai se transformar em camada de memória sobre aquele espaço narrado. Até então, corpos, espaços, cidades já conviviam em situação narrativa, mas isolada, não compartilhada. O sentido do lugar passa a existir também pela narração do outro e complementada a partir das novas vivências. E esta narração móvel, proporcionada pelo comportamento nômade dos indivíduos, é sem dúvida, uma das grandes abastecedoras desta larga e infinita rede narrativa que passa a construir uma memória coletiva, em rede, que vai somando camadas de história.

Um exemplo é a rede denominada *Foursquare*, na qual a narrativa está conectada diretamente ao lugar. É possível informar ao grupo de amigos onde se está, estabelecer um diálogo com eles, a respeito deste mesmo local, escrever opiniões sobre um determinado estabelecimento, seja público ou privado, conhecer as percepções de outros que ali estiveram e também registraram informações. Nesse caso, trata-se de uma grande memória que começa a ser construída a partir da narrativa vinculada a um lugar específico e que constrói significativa memória sobre as cidades e as interações dos indivíduos com elas. Lemos (2008) aponta que as mídias locativas são dispositivos informacionais digitais cujo conteúdo da informação está diretamente ligado a uma localidade. O processo de emissão e recepção de informação a partir de um determinado local implica uma relação entre lugares e dispositivos móveis digitais até então inédita.

As redes sociais na Internet movimentam atualmente mais de 500 milhões de pessoas, como o *Facebook* (FACEBOOK..., 2010) e, entre essas, 200 milhões por intermédio de tecnologias móveis. Recuero (2009) afirma que entre as mudanças que a Internet trouxe à sociedade, a mais significativa é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador. Tais ferramentas proporcionam que atores possam construir-se, interagir e comunicar com outros atores, deixando na rede de computadores rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais. Em termos concretos, conexões de sujeitos via *Foursquare*, *Twitter*, *Facebook*, *Orkut*, *Youtube*, entre outros, já resultaram em mobilizações sociais, queda de governos ou correntes solidárias.

Tapscott (2011) afirma que não existe mais um debate em curso sobre o poder transformador das redes sociais e da colaboração *online*. O autor entende que revoluções em série como na Tunísia, no Egito, na Líbia e em outros países do Oriente Médio não teriam ocorrido sem a força das mídias sociais. A inovação se dá nas formas de relacionamento da população com o governo, na sua capacidade de pressionar e exigir mudanças e também de organizar rebeliões. Ele ressalta que nestas revoluções as pessoas criam uma narrativa inteiramente nova do conflito.

Se na dimensão conhecida da mídia tradicional, o entendimento sempre foi de distribuição a partir de um centro, o novo cenário se encaminha na direção do compartilhamento, na medida em que muitos são autores. Chega-se, em certa medida, ao ponto descrito por Chartier (1998) para quem, neste mundo, um produtor de texto pode ser imediatamente o editor, no sentido daquele que dá forma ao texto e daquele que o difunde diante de um público de leitores. Na rede eletrônica esta difusão é imediata.

Chartier (1998, p. 117) descreve esta transformação a partir do ambiente dos livros e da organização das bibliotecas. Lembra que desde Alexandria, o sonho da biblioteca universal excita as imaginações ocidentais. Com o texto eletrônico, pensa ele, isto torna-se imaginável, sem que todos os livros estejam no mesmo lugar. “Pela primeira vez, na história da humanidade, a contradição entre o mundo fechado das coleções e o universo infinito do escrito perde seu caráter inelutável.”

Manovich (2001), de sua parte, aborda as mudanças a partir das transformações recentes e afirma que a emergência da nova mídia coincide com o segundo estágio da sociedade em relação à mídia, com muitos acessando e usando novamente os objetos existentes, tanto quanto criando novos. Entendemos que esta transformação é fator também determinante para a construção de uma memória em bases diferentes do que conhecíamos até então.

As reflexões de Manovich apontam para uma mudança estrutural nas plataformas de armazenamento, numa perspectiva industrial e com forte impacto na dimensão social. O autor apresenta algumas categorias que descrevem as características desta mudança. Destaca-se aqui a variabilidade. Os novos objetos midiáticos não são fixos e para todos, mas algo que pode existir em diferentes, potencialmente, infinitas versões.

A mídia antiga envolvia um criador humano que combinava manualmente elementos visuais, textuais e de áudio, numa composição particular ou sequência. Essa sequência era armazenada, em alguma plataforma, uma vez, e distribuída para todos. De uma matriz, várias cópias poderiam ser reproduzidas, em perfeita correspondência com a lógica da sociedade industrial, eram todas idênticas. A nova mídia, em contraste, se caracteriza pela variabilidade e Manovich (2001) cita outros termos frequentemente usados e que podem aqui ser apropriados como mídia mutável ou líquida. Todos esses processos, refere o autor, passam pela automatização, pela computação.

O princípio da variabilidade, exemplifica Manovich (2001, p. 41), evidencia como, historicamente, as mudanças das tecnologias midiáticas estão relacionadas com as mudanças sociais. Se a lógica da “velha mídia” corresponde a uma lógica de uma sociedade industrial de massa, a nova mídia serve à lógica de uma sociedade pós-industrial, com valores individuais desenhados. Na sociedade industrial todos deveriam, supõe-se, gostar das mesmas coisas e compartilhar as mesmas crenças. Na sociedade pós-industrial todos os cidadãos podem construir seu estilo de vida e selecionar suas ideologias a partir de um grande número, não infinito, de escolhas.

4 As Estratégias do cérebro

E quando todas essas escolhas e estilos se somam, constituem também memória coletiva e excesso de informações, simultaneamente. “Talvez o aspecto mais notável da memória é o esquecimento.” (McGAUGH¹ *apud* IZQUIERDO, 2006, p. 289). A afirmação de James McGaugh, considerado um dos mais importantes pesquisadores na área da memória nos últimos 50 ou 60 anos, é representativa, mais do que em qualquer outro momento da história. Isso porque não há registros de um cenário que envolva tantos paradoxos em torno das narrativas e seus registros, somando ainda escrita, imagens, memória, esquecimento e sabedoria. O desenho deste contexto não pode ser atribuído às tecnologias de comunicação. Elas são parte de horizontes que se acumulam e que resultam em camadas históricas que agora podem ser reveladas. Esta revelação, porém, emerge de forma desordenada, não-linear e encontra sujeitos muitas vezes surpreendidos

¹ HARLOW, H.; MCGAUGH, J. L.; THOMPSON, R. F. *Psychology*. San Francisco: Albion, 1971.

pelas suas próprias memórias e narrativas que, desejem eles ou não, invadirão o seu cotidiano.

Na medicina, conforme Izquierdo (2002), os estudos apontam que os mecanismos da memória se saturam. É necessário esquecer ou pelo menos manter longe da evocação muitas memórias. Izquierdo (2006, p. 1) aponta que há várias formas de esquecimento, como a extinção, a repressão, popularizada por Freud.

Existem memórias que não ultrapassam poucos segundos, e ficam na memória de trabalho. Outras não ultrapassam a memória de curta duração (e não ficam na memória de longa duração). Outras memórias duram poucos dias e depois desaparecem. Por último: há o esquecimento real: memórias que desaparecem por falta de uso, com atrofia sináptica.

A extinção foi descoberta por Pavlov há mais de um século e se deve à desvinculação de um estímulo condicionado ao estímulo incondicionado com o qual tinha se associado e gerado uma resposta aprendida. O estímulo, explica Izquierdo (2006, p. 290) passa a se vincular com a ausência desse último estímulo. “Se vamos todos os dias a um guichê onde recebemos dinheiro e a partir de certo dia lá não nos dão mais dinheiro, associaremos o guichê com a falta de dinheiro.” Isso tem forte valor adaptativo, porque nos impede de insistir na realização de comportamentos (ou em manter pensamentos) que já não se ligam mais com a realidade.

Já a repressão de memórias está entre os postulados de Freud. Pode ser voluntária, quando propomo-nos a cancelar a evocação de memórias que nos causam desagrado, ou inconsciente, quando o cérebro faz isso por conta própria, a partir de uma tendência autoprotetora. Há evidências, escreve Izquierdo (2006), de que as duas formas de repressão representam, essencialmente, a mesma coisa. Se o cérebro reprime determinadas memórias, deverá ser em razão de um estímulo originado em algum lugar, voluntário ou não. Esse estímulo deve provir da própria memória, por definição.

Os conceitos aqui apresentados, com origem em estudos da medicina, tem por objetivo dar conta desta dimensão das investigações em torno da memória e apresentar, sem maior aprofundamento, uma perspectiva que envolve os estudos do cérebro. Não nos concentraremos nessas investigações, mais sim no tecido que, aliado a isso, envolve a comunicação, suas plataformas tecnológicas, suas linguagens e apropriações de parte dos sujeitos. Entendemos relevante pensar sobre este processos em um cenário de informação abundante e atualizada a cada segundo. Afinal, todas as ações comunicativas são estímulos ao cérebro, que atua permanentemente na extinção, repressão, resultando na retenção em diferentes tempos e formatos ou em esquecimento. Um fato é certo sob a perspectiva das investigações da comunicação. A

diversidade e quantidade de estímulos ampliam-se a cada dia. Não nos cabe aqui analisar as repercussões cerebrais, mas sociais.

5 A Memória revelada pela oralidade

Entre as técnicas adotadas pelos historiadores, para buscar os registros na memória desses sujeitos, está a história oral. A primeira experiência, relata Freitas (2002), como atividade organizada, é de 1948, por intermédio de um projeto na Universidade de Columbia. Paul Thompson, autor de *A Voz do passado – história oral* (1998), ao estudar, na década de 1960, um período recente, de história social inglesa, sem documentação nos arquivos e com uma literatura insuficiente, descobriu a importância das pessoas como testemunhas do passado. Ao ouvi-las, descobriu que elas têm sempre algo interessante a dizer. Ao utilizar os instrumentos de entrevistas nos moldes sociológicos, Thompson percebeu a riqueza e a importância da memória dos sujeitos anônimos e como o jeito do entrevistado contar histórias sobre o passado era uma alternativa perfeita para a história social. A história oral, considera Freitas (2002), possibilita novas versões da história ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores, possibilita o registro de reminiscências das memórias individuais.

A perspectiva da história oral interessa nesta reflexão por considerar a multiplicidade e a diversidade de narradores na construção da memória. Essas são características que também podem ser consideradas para a memória coletiva que se constrói hoje, tendo como base tecnologias de comunicação e compartilhamento. Thompson (1998) indica que toda a história depende, basicamente, de sua finalidade social e por isso, no passado, se transmitia de uma geração a outra pela tradição oral e pela crônica escrita. Também por isso, hoje, historiadores profissionais são mantidos com recursos públicos, crianças aprendem história na escola, florescem sociedades amadoras de história e os livros populares de história estão entre os *best-sellers*.

Thompson (1998) faz ainda algumas considerações importantes sobre essa história revelada pela oralidade, uma história em fim de contas narrada pelos cidadãos comuns, dando conta da história mais ampla. Por meio da história, diz ele, as pessoas comuns procuram compreender as revoluções e mudanças por que passam em suas próprias vidas. De modo especial, a história da família pode dar ao indivíduo um forte sentimento de uma duração muito maior de vida pessoal, que pode ir além de sua própria morte. Por intermédio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história. E mais, por meio da história política e social ensinada nas escolas, as crianças são levadas a compreender e a aceitar o modo pelo qual o sistema

político e social sob o qual vivem acabou sendo como é e de que modo e a força e o conflito têm desempenhado e continuam a desempenhar um papel nessa evolução.

Thompson (1998) fala de uma técnica de investigação. Técnica essa que possibilita as revelações guardadas na memória dos cidadãos comuns. Guardadas as proporções, as narrativas e a construção da memória por intermédio das redes sociais proporcionam na mesma medida, mas por metodologia diferente, a reconstrução da história por intermédio das falas de qualquer um que tenha acesso a uma tecnologia para compartilhar a sua narrativa e deixá-la para que outro venha a acessá-la. É um repositório em desordem, capaz de ser acionado por mecanismos de busca. A narração da história passa a ser a soma de todos esses conteúdos depositados por anônimos que podem compartilhar suas memórias ou percepções presentes.

Ong (1998, p. 17) indica que ver a linguagem como um fenômeno oral parece ser inevitável e óbvio. Os seres humanos, afirma, comunicam-se de inúmeras maneiras, fazendo uso de todos os seus sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão, assim como audição. Para ele, o som articulado tem valor capital e a oralidade básica da linguagem é constante. “Os seres, nas culturas orais primárias, não afetadas por qualquer tipo de escrita, aprendem muito, possuem e praticam uma grande sabedoria, porém não estudam.” Eles aprendem pela prática, participando de um tipo de retrospectiva coletiva. Em sua obra, Ong evidencia a preocupação permanente entre oralidade e cultura escrita e como essas estratégias humanas, por assim dizer, resultam na transmissão, retenção das informações e conseqüentemente no registro e na memória. “A expressão oral pode existir – na maioria das vezes existiu – sem qualquer escrita; mas nunca a escrita sem a oralidade.” (ONG, 1998, p. 16)

Sobre oralidade e escrita, Ong (1998) reflete que embora as palavras estejam fundadas na linguagem falada, a escrita “tiranicamente” as encerra para sempre num campo visual. No entanto, reconhece o autor,

[...] felizmente, a cultura escrita – não obstante devore seus próprios antecedentes orais e, ao menos que seja cuidadosamente monitorada, até mesmo destrua sua memória – é também infinitamente adaptável. Ela pode também resgatar sua memória. Podemos usar a cultura escrita para reconstruir a consciência humana primitiva que não possuía nenhuma cultura escrita. (ONG, 1998, p. 24)

Para além da oralidade e da escrita, a memória, no pensamento de Mitchell (2006, p. 65), é um fenômeno multimídia. Há uma memória do texto, há memórias de imagens, há memórias de narrativas, há memórias de dados.

Há uma variedade sem fim de diferentes tipos de coisas que podem ser lembradas. E, na verdade, em níveis técnicos nos sistemas de

computador, eles se transformam em diferentes tipos de estrutura de dados que explicitam muitas representações sociais e culturais. Acho que o que temos visto tecnologicamente é o constante enriquecimento dos tipos de memórias que se tornam culturais.

O autor lembra também que desde o desenvolvimento da fotografia, a memória visual coletada tem sido expandida significativamente. Com o desenvolvimento da fotografia digital expandiu-se ainda mais e de maneira análoga com o desenvolvimento do texto gravado. Mitchell (2006) apresenta o exemplo das gravações e as mudanças tecnológicas em consequência disso. Segundo ele, originalmente, a memória humana era a única mídia e essa é a tradição oral, transmissão direta de uma memória humana para outra. O desenvolvimento da escrita e as tecnologias de impressão e gravação cumpriram este papel, agora desempenhado em larga escala pela gravação digital eletrônica.

A diferença fundamental em gravar mídia eletrônica, na opinião de Mitchell (2006), é que não há necessidade de transferir fisicamente os artefatos da memória. Está junto com as telecomunicações “nessa espantosa” maneira que induz esse tipo de condição de memória portátil. E o pensamento de Mitchell é adequado, na medida em que as mesmas tecnologias móveis que servem para narrar, são também instrumentos de consulta remota sobre toda e qualquer informação. O acesso crescente à Internet, de qualquer lugar, proporciona que os sujeitos usufruam dessa memória portátil ou mesmo possam consultar as narrativas de outros sujeitos.

E tanto mais o ciberespaço se estende, mais universal ele se torna, e o mundo da informação menos totalizador, conforme pensa Lévy (2006, p. 275), que define a cibercultura como universal, sem uma totalidade.

O universal da cibercultura é desprovido tanto de um centro quanto de uma linha diretriz [...] É esta universalidade desprovida de significação central, é este sistema sem ordem, é esta transparência labiríntica o que chamo de universal sem uma totalidade. E constitui-se na essência paradoxal da cibercultura.

Para melhor esclarecer, Lévy (2006, p. 275) traz a questão da ecologia dos meios e a passagem da cultura oral para a cultura escrita. Nas sociedades orais, as mensagens linguísticas estavam circunscritas ao tempo ao lugar onde eram emitidas. Emissores e destinatários dividiam uma situação idêntica e, na maior parte do tempo, o mesmo universo de significados.

Os atores da comunicação mergulhavam no mesmo caldo semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interação. A escrita abriu um espaço comunitário até então desconhecido pelas sociedades orais, um espaço onde foi possível tomar conhecimento de mensagens escritas por pessoas situadas a milhares de quilômetros de distância, ou mortas há séculos, ou ainda desde culturas e sociedades estrangeiras.

Lévy (2006) considera uma das inovações interessantes do espaço da comunicação aberto pela internet é que nos encontramos diante de um tipo de paisagem mental coletiva de centros de interesse ou de paixões ou de áreas de competência. Defendendo uma perspectiva humanista, Lévy entende que a proximidade de espírito, na dimensão virtual, favorece a proximidade dos corpos, ainda que não a determine automaticamente. O ser humano, pensa ele, independente do que faz, passa seu tempo relacionando-se com os outros e mesmo existindo numerosos tipos de relações, a internet pode servir a todas elas, o que não quer dizer que todas devam integralmente passar por ela. A internet é, na verdade, uma ferramenta, entre tantas outras. Lévy faz referência também à rápida expansão da *web* e às consequências disso para a memória.

O sistema de localização das informações e o caminho de acesso resultam mais importantes do que o estoque de informações, ao que parece, garantido e disponível. O problema não é de registrar e, sim, de buscar, localizar, interpretar, sintetizar, selecionar, reler, até mesmo eliminar: é exatamente isso que a nossa memória animal faz. (LÉVY, 2006, p. 272)

A questão da memória, completa o autor, é interessante quando não tratamos o tema de maneira generalista. E, assim, é possível falar sobre memória sistêmica, biológica, pessoal, familiar, cultural, profissional, da memória de uma empresa, ou seja, num espectro amplo.

Lévy (2006, p. 274) ressalta que o registro não é um valor em si e o que vale é a inteligência coletiva se autonutrindo. Tudo está, segundo ele, na forma como esses registros serão usados. Tudo dependerá também da maneira como se organizam as informações, os acontecimentos, as lembranças, as imagens ou as emoções.

Nossa memória viva é algo como um hipertexto em reestruturação permanente. Através deste novo metameio, teremos a oportunidade de construir uma memória mais parecida à memória viva do que com aquela representada pelos arquivos ou uma biblioteca.

Turkle (2006) afirma que memória e lugar tornaram-se desconectados. Memória, neste caso, relacionada a edificações. Isso porque com a *web* ubíqua, segundo a autora, os indivíduos podem consumir informação em qualquer lugar e não precisam, por exemplo, estar entre os pilares e afrescos de uma biblioteca, exemplo usado pela autora.

Mais importantes do que o lugar que preserva a memória, são as relações. Turkle (2006, p. 287) entende que uma comunidade não pode existir se os laços entre os membros são meramente transitórios. Mesmo com trocas em rede, descobrimos novas formas de “raízes”. Essas formas serão cada vez mais centrais para os novos paradigmas de comunicação. Turkle (2006, p. 290) também aborda uma dimensão múltipla das possibilidades oferecidas pela internet: o fato de as pessoas exercerem diferentes papéis.

As pessoas vêm e experimentam muitos aspectos delas mesmas, estão em contato com essa multiplicidade de formas muito poderosas. Nesse sentido, a vida online pega algo do cotidiano e a leva para um “poder maior”. Todos temos uma experiência diária de viver diferentes aspectos do eu: acordar como amante, tomar café da manhã como uma mãe, e dirigir para o trabalho como uma advogada.

Somado a essa multiplicidade de papéis vivida pelo sujeito, no seu dia a dia e na dimensão virtual, Turkle (2006, p. 299) sublinha que a natureza “armazenável” das trocas virtuais confronta as pessoas com a transferência, um fenômeno que acontece em encontros psicanalíticos. A correspondência eletrônica se torna um objeto a ser considerado para pensar a transferência. Outro fato, de acordo com a autora, está relacionado com o novo status dos objetos da memória, porque eles aparecem no mesmo formato e com a mesma presença na tela que os “novos” objetos. “Nossa história não é baseada em páginas empoeiradas, páginas podres. Nossa história não está inscrita no papel que se desintegra. Não, ela está bem ali, na mesma forma que os acontecimentos atuais...” (TURKLE, 2006, p. 299).

Nessa linha de pensamento, Turkle (2006, p. 302) aponta que a definição de memória passa a ser múltipla. Da mesma forma que as pessoas ficam acostumadas aos diferentes aspectos do eu, também ficarão acostumadas aos diferentes registros da memória. “As memórias da comunidade serão múltiplas.”

6 Memória do tempo presente

Outro fator importante quando a memória está relacionada a novos objetos é a presença de acontecimentos do passado em um tempo presente. O passado passa a existir no tempo presente e nesta velocidade registra-se um encurtamento de tempo para que o fato passe a outra esfera da memória. Virilio (2006, p. 93) reflete sobre a memória “vívica”, memória do que ocorre no momento, como um elemento novo oferecido pela tecnologias de comunicação. Isto, pensa ele, traz um paradoxo, pois a televisão ou a internet e outras tecnologias promovem a ideia de uma memória do instante presente. “É como se houvesse um efeito de lupa não sobre um objeto, mas sobre um instante no tempo: um efeito de dilatação.” Nesta perspectiva, o autor entende que as tecnologias funcionam para a memória como um telescópio. Virilio (2006) acredita que a internet e as tecnologias de informação permitirão ver o que se passa no mais curto espaço de tempo, o que se passa na comunicação. Neste ponto de sua reflexão, define como uma memória que diz respeito à comunidade, pois não há memória por si, memória, segundo Virilio (2006), é uma linguagem, um utensílio de comunicação. Não há memória que não seja coletiva.

7 Rememorando

Com o pensamento de Virilio, que denomina a memória como um utensílio, evidenciamos o grau de complexidade das investigações em torno do tema, conforme as hipóteses que nortearam esta reflexão. Em seu momento inicial, apontavam para o grau de complexidade que podem estar revestidas hoje os estudos em torno da memória. Se anteriormente estudar a memória significava estudar a história, seus registros e lembranças de alguns sujeitos mais destacados em qualquer sociedade, hoje investigar a memória é descascar algumas camadas históricas que são escritas no tempo presente. É o tempo do novo constante, mas também do eterno retorno. Inicialmente pensamos em memória e sua relação com as bibliotecas, com o armazenamento de informações, retenção e registro. A humanidade talvez nunca tenha imaginado que seria responsável, permanentemente, por escrever suas memórias em um tempo presente que fica já organizado em escala coletiva e planetária, mesmo que em um modelo não-linear.

Os indivíduos narram dos mais diferentes lugares onde quer que estejam e acessam essas mesmas informações remotamente. O que abastece é o mesmo que localiza e reabastece. Mesmo o passado assume forma de novo e de tempo presente. Se começamos aqui falando em paradoxos e esquecimento, concluímos que a construção da memória coletiva, em um tempo de existência em rede, energizada pelas tecnologias de comunicação e redes sociais, é ainda mais universal sem ser totalizante. Assim como na construção da memória pela história oral, muito mais vozes participam da reconstrução da história e muito mais vozes auxiliam a partir de suas reminiscências individuais. A história se reconstrói quase na sua completude, já que pode iluminar muitas facetas.

Muito há para lembrar, atualizar e muito há para esquecer, como apontam os estudos em torno das estratégias do cérebro. Em meio a tanta diversidade, um apontamento, porém, se faz presente no pensamento de praticamente todos os autores aqui trazidos: a multiplicidade. Observamos que a memória é multimídia e está relacionada a muitas linguagens narrativas. A memória está ligada aos sentidos humanos em todas as suas possibilidades e também aos muitos papéis que o sujeito é capaz de exercer na sociedade, seja presencial ou virtual, dimensões cujas fronteiras desaparecem. A memória pode ser de várias ordens caso as investigações não sigam por uma linha generalista. Lembrança ou esquecimento estão associados também a estratégias cerebrais e estímulos que têm origem nas próprias lembranças e vivências.

O mais importante é o caráter multifacetado e coletivo da construção da memória, a retroalimentação permanente pelo abastecimento do novo e do passado que chega associado a formatos novos. O passado assume importância capital, como forma

de confirmação do presente cada vez mais acelerado. Vivemos em plena reconfiguração do tempo presente, por intermédio de uma memória que nunca esteve tão viva e em permanente atualização.

Memory in the reconnection and forgotten era

ABSTRACT

Investigations about memory become more complex in a scenario where the connections between people and the information in circulation are plenty of scale. More than a linear dimension, where there are past, present and future and each of them remains in place, the memory becomes now a multiplicity of perspectives. In this paper, the goal is to analyze the paradoxes that involve multiple memory, collective, and that can no longer be considered the memory of a time past. Historical horizons accumulated through digital records or social networks, invade the lives of individuals that, being also narrators, supply this large network. The high degree of complexity of this disordered construction is, at the same time, research about forgotten.

KEYWORDS: Memory. Communication. Forgotten. Connection.

La Memoria en la era de la reconexión y el olvido

RESUMEN

La investigación sobre la memoria se vuelve más compleja en un escenario donde las conexiones entre los sujetos y la información en circulación ocurren en larga escala. Más de una dimensión lineal, donde se encuentran pasado, presente y futuro, y cada uno de ellos permanece en su lugar, la memoria se convierte ahora en una multiplicidad de perspectivas. En este trabajo, el objetivo es analizar las paradojas que implican la memoria múltiples, colectivas, y que ya no puede ser considerado como el recuerdo de un tiempo pasado. Horizontes históricos acumulados a través de los registros digitales o las redes sociales, invaden la vida de las personas, qui siendo también narradores, a larga red. El alto grado de complejidad de esta construcción desordenada es, al mismo tiempo, la investigación en el olvido.

PALABRAS CLAVE: Memoria. Comunicación. El Olvido. Conexión.

Referências

AKOUN, André. Sobre o tempo. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana:** comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

AMANHÃ. A revolução será tuitada. Entrevista com Don Tapscott, escritor e consultor especializado em inovação e estratégia corporativa. Ano 24, maio 2011, n. 274.

AUGÉ, Marc. Sobremodernidade: do mundo tecnológico de hoje ao desafio essencial do amanhã. In: MORAES, D. **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

CHARTIER, Roger. **A Aventura do livro, do leitor ao navegador.** São Paulo: Unesp, 1998.

FACEBOOK passa dos 500 milhões de usuários. 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/>

noticia/2010/07/facebook-passa-dos-500-milhoes-de-usuarios.html. Acesso em: 10 de fev. 2011.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Humanitas, 2002.

IZQUIERDO, Iván. **Memória**. Porto Alegre: ArtMed, 2002.

IZQUIERDO, Iván; BEVILAQUA, Lia R. M.; CAMMAROTA, Martín. A Arte de esquecer. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 58, p. 289-296, set./dez. 2006.

LEMOS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (Org.). **Estéticas tecnológicas**: novos modos de sentir. São Paulo: Educ, 2008.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 2006

MANOVICH, Lev. **The Language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MITCHELL, William. Diálogo com William J. Mitchell. Lugares, arquiteturas e memórias. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura). Disponível em: <http://www.redessociais.net>. Acesso em: 28 de out. 2010.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita**. Campinas: Papyrus, 1998.

TAPSCOTT, Don. A Revolução será tuitada. **Amanhã**: gestão, economia, negócios. Porto Alegre, v. 24, n. 274, maio 2011. Entrevista com o escritor e consultor especializado em inovação e estratégia corporativa.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

VIRILIO, Paul. Diálogo com Paul Virilio: o paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Máгда Rodrigues da Cunha

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

Professora do Programa de Pós-Graduação

em Comunicação Social, da Faculdade de

Comunicação Social, da Pontifícia Universidade

Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

E-mail: cunha@pucrs.br

